

Ensino remoto emergencial e o uso excessivo de telas na Ufal – Campus do Sertão

Lílian Kelly de Almeida Figueiredo Voss¹
Aline Joice Teixeira da Silva²
José Messias da Silva Aguiar³

Resumo

O presente artigo, apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), ciclo 2020/2021, da Universidade Federal de Alagoas/ Ufal - *Campus do Sertão*. Propomos uma reflexão acerca do uso excessivo da tecnologia, evidenciando as consequências e implicações dentro do ambiente universitário. A pesquisa teve como abordagem, a qualitativa, com ênfase na pesquisa participante e estudo comparado, oriunda da experiência nos anos de 2020 e 2021. A coleta de dados se realizou em dois momentos: observação participante pelo ambiente virtual de aprendizagem AVA Moodle e participação nas aulas síncronas como monitores das disciplinas, dos cursos de Pedagogia e Geografia. Logo, à reflexão de como o uso “exagerado” de dispositivos digitais podem gerar dependência tecnológica perpetuou significativos embates/debates, assinalando-se para um risco à educação e a saúde dos sujeitos acadêmicos.

Palavras-chave

TDIC; Dependência tecnológica; Pandemia; Discentes e docentes.

Recebido em: 19/10/2021
Aprovado em: 23/05/2022

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFAL. Mestre em Educação (PPGE/UFAL), Especialista em Novos Saberes e Fazeres da Educação Básica (CEDU/UFAL), e Graduada em Ciências Sociais (ICHCA/UFAL). Professora Adjunta II, da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão.
e-mail: lillian.figueiredo@delmiro.ufal.br

² Aluna da UFAL - Campus do Sertão e graduanda em Pedagogia.
e-mail: aline.teixeira@delmiro.ufal.br

³ Graduando do curso de Pedagogia da UFAL - Campus do Sertão.
e-mail: jose.aguiar@delmiro.ufal.br

Emergency remote teaching and the excessive use of screens at Ufal – Campus do Sertão

Abstract

This article presents the results of a research developed in the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships (PIBIC), cycle 2020/2021, of the Federal University of Alagoas / Ufal - *Campus do Sertão*. We propose a reflection on the excessive use of technology, highlighting the consequences and implications within the university environment. The research had a qualitative approach, with an emphasis on participatory research and comparative study, arising from the experience in the years 2020 and 2021. Data collection took place in two moments: participant observation through the virtual learning environment AVA Moodle and participation in the synchronous classes as monitors of the subjects, of the Pedagogy and Geography courses. Therefore, the reflection on how the “exaggerated” use of digital devices can generate technological dependence perpetuated significant clashes/debates, signaling a risk to the education and health of academic subjects.

Keywords

TDIC; Technological dependency; Pandemic; Students and teachers.

Introdução

Neste estudo, nos debruçamos a refletir sobre as consequências e implicações quanto a utilização excessiva das tecnologias durante o ensino remoto emergencial (ERE), modalidade implantada no funcionamento das práticas de ensino universitária, diante do advento da pandemia da Covid-19.

A pandemia teve início na China, precisamente na cidade de Wuhan, no final de dezembro 2019, quando autoridades da cidade, com cerca de 11 milhões de habitantes informaram à Organização Mundial da Saúde (OMS) que estava havendo uma série de casos de pneumonia de origem desconhecida (OPAS, 2020). Em 11 de janeiro de 2020, foi notificada a primeira morte pela Covid-19 na China, e, ainda em janeiro do corrente ano foi informado pela OMS que havia ocorrido o primeiro caso fora do país, que naquele momento era o epicentro da doença.

Em fevereiro de 2020 foi identificado o primeiro caso de transmissão da Covid-19, provocada pelo vírus Sars-CoV-2 no Brasil⁴, no Estado de São Paulo. Após a crescente alta em números de casos em diversos países, a OMS declarou estado de pandemia. O Conselho Nacional de Saúde (CNS), apresentou a recomendação de nº 036, de 11 de maio de 2020, na qual considera que se deveria tomar medidas de distanciamento social e *lockdown* nos municípios com grande número de casos, atingindo níveis críticos na disseminação do vírus.

Logo, creches, escolas e instituições de ensino superior, públicas e privadas começaram a suspender as suas atividades, seguindo os decretos de cada município e implementaram as tecnologias para suprir a necessidade educacional durante a pandemia.

Diante disto, as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), se consolidaram ainda mais, passando a ocupar um significativo espaço na vida das pessoas, tornando-se indispensáveis em seu cotidiano, uma vez que, elas facilitaram as

⁴ De acordo com o Ministério da Saúde, com alto grau de contágio, a Covid-19 é uma doença respiratória causada pelo coronavírus (Sars-Cov-2). O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China. Em seu quadro clínico, a COVID-19 pode apresentar desde infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>> Acesso em 15 abr. 2022.

relações sociais, educacionais, além de aproximar significativamente pessoas em ambientes distantes.

Entretanto, juntamente com os benefícios surgiram “danos” vinculados ao uso excessivo, causando comprometimento na função física, psicológica (cognitiva, emocional e comportamental), social e no desempenho educacional dos seus usuários (LEMOS, 2015).

Entendemos que através das telas estão o que precisamos, e é nesse cenário de mundo tecnológico que destacamos um público específico de usuários virtuais, que vivem imersos ao contexto digital, no século XXI, crianças, adolescentes e “adultos” que estão conectados todo o tempo do dia e não abdicam a isso. Conforme descreve Wolf (2019), esse comportamento tem sido um motivo de preocupação para muitas famílias e instituições de ensino.

Partindo dessa preocupação, a presente pesquisa objetivou descrever algumas das consequências e implicações que o uso compulsivo da internet promoveu durante a modalidade remota, como por exemplo: o efeito negativo da inabilidade. Segundo Lemos (2016) a inabilidade é causada pela dependência tecnológica, quando os indivíduos perdem o controle sobre o uso de dispositivos digitais.

O público da pesquisa foi especialmente os alunos universitários da Ufal – *Campus do Sertão*, que estavam cursando os cursos de Pedagogia e Geografia, nos quais dois pesquisadores participaram como monitores, nos semestres de 2020.2 e 2021.1, uma vez que, estes encontravam-se expostos várias horas frente às telas, após a implantação do ensino remoto.

O estudo em questão, foi realizado no âmbito do PIBIC – ciclo 2020/2021, e foi submetido no mês de julho do ano de 2020, deste modo, quando foi aprovado e conseqüentemente teve início, já vivenciávamos o período de quarentena/distanciamento social. Porém, da mesma forma que as Instituições de Ensino Superior (IES), as instituições escolares de educação básica públicas e privadas se encontravam fechadas, assim, o estudo caminhou para uma coleta de dados virtual,

através do AVA *Moodle* e de aulas síncronas transmitidas pela plataforma *Google Meet*.

Procedimentos metodológicos da pesquisa

O tipo de pesquisa que norteia esse estudo é a participante, com abordagem qualitativa, pois a inserção de dois pesquisadores como monitores em disciplinas nos cursos de Pedagogia e Geografia foi de fundamental importância para a coleta de dados para concluir o projeto submetido ao PIBIC e evidenciar os resultados esperados.

Para Silveira e Córdova (2009, p. 40) “este tipo de pesquisa se caracteriza pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas”. Para a etapa de observação foi considerada a observação participante, em caráter virtual, por causa da conjuntura estabelecida no período de 2020/2021, ciclo que a pesquisa foi realizada.

Ressaltamos o que Schmidt (2006, p. 14) considera, que o termo participante “sugere a controversa inserção de um pesquisador num campo de investigação formado pela vida social e cultural de um outro, [...] que por sua vez, é convocado a participar da investigação de informante, colaborador ou interlocutor”. A aproximação com o objeto a ser pesquisado facilita a compilação dos dados, como o contato direto com docentes e discentes para compreender suas considerações sobre o processo, destacando as implicações acometidas em sua vida acadêmica.

Importa destacar, que a abordagem qualitativa permite analisar um fenômeno em uma dada realidade e sua relação. Logo, “a pesquisa qualitativa visa uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico” (FRAGOSO et. al, 2011, p. 67). Através dessa abordagem foi possível descrever e detalhar o fenômeno e realidade investigada na pesquisa.

A utilização do estudo comparado contribuiu para a efetivação da coleta de dados, pois se conseguiu entender a magnitude das diferenças e semelhanças das ações docentes e discentes, sobretudo, as respectivas peculiaridades. Logo, “o método comparativo

envolve a comparação de dados coletados em diferentes sociedades ou culturas em termos do fenômeno a ser comparado” (MOREIRA e CALEFFE, 2006, p. 57).

Para a consolidação da coleta de dados, foram necessárias duas etapas: a primeira ocorreu através da aprovação da pesquisa pelo PIBIC, a segunda se firmou pela participação nas aulas virtuais como monitores em duas disciplinas do curso de Pedagogia (uma no semestre 2020.2 e outra no semestre de 2021.1), e duas disciplinas no curso de Geografia (da mesma forma que o curso de Pedagogia), totalizando quatro disciplinas⁵.

As disciplinas observadas foram ofertadas na modalidade remota e ministradas por docentes distintos, ambas pedagógicas. Observamos turmas de cursos diferentes para conseguirmos implementar a metodologia comparada, e, analisar em qual das turmas os discentes estavam mais expostos/propícios ao contexto de dependência e exposição excessiva às telas, partindo da quantidade de horas, relatos e organização das aulas síncronas e assíncronas.

As turmas do curso de Pedagogia, possuíam aproximadamente 45 discentes, sendo a grande maioria do sexo feminino, algumas mães, casadas, donas de casa e trabalhadoras. As aulas síncronas aconteciam uma vez por semana, sendo realizadas por meio da plataforma *Google Meet*, às terças e quintas-feiras, em horários simultâneos, e de maneira assíncrona no decorrer da semana por meio da plataforma - *AVA Moodle*.

As turmas do curso de Geografia eram compostas por aproximadamente 35 alunos, tendo uma divisão quase igualitária entre os gêneros. A grande maioria casados, pais, profissionais de diferentes áreas. As aulas síncronas aconteciam uma vez por semana, às segundas e terças-feiras, com duração de 2 horas, em horários distintos, por meio da plataforma *Google Meet*, e as atividades assíncronas também realizadas através da plataforma - *AVA Moodle*.

⁵ Preservaremos os nomes das disciplinas para não expor os docentes ministrantes.

A inserção do Ensino Remoto e dependência tecnológica na UFAL - Campus do Sertão: resultados

A UFAL - *Campus* do Sertão, está presente no Alto Sertão Alagoano desde 2010, por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), iniciando sua expansão rumo ao interior do Estado de Alagoas.

O *Campus* do Sertão tem sua sede no município de Delmiro Gouveia e o seu polo educacional no município de Santana do Ipanema. Juntos ofertam oito cursos de graduação: Letras - Língua Portuguesa, História, Geografia, Pedagogia, Engenharia de Produção, Engenharia Civil, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas.

Os cursos de graduação supracitados, são todos ofertados na modalidade presencial, porém alguns como o curso de Pedagogia, permite que 20% da carga horária de suas disciplinas seja destinada a atividades na modalidade a distância. No entanto, com a pandemia da Covid-19 e as mudanças bruscas impostas no cenário educacional, a UFAL, assim como outras IES tiveram que se adequar às especificidades do momento, e, para que as atividades educacionais pudessem continuar, implementaram o ERE.

Autores como Pereira, Madureira e Silva (2020), ressaltam que o conceito mais simplificado para compreendermos o ERE é que ele é o ensino ofertado de maneira provisória, com aulas mediadas por meio de plataformas digitais para garantir a continuidade das atividades educacionais em períodos de inviabilidade da oferta de aulas presenciais.

No âmbito da UFAL, o ERE foi regulamentado pela Resolução nº 80/2020 - CONSUNI/UFAL, de 30 de dezembro de 2020, a qual estabeleceu “Ad referendum”, o calendário acadêmico administrativo do ensino de graduação para os semestres letivos 2020.1 e 2020.2 dos quatros *Campi* da UFAL, no contexto da pandemia estabelecendo outras providências.

Em seu artigo 1º, no § 1º estabelece que, para o período de 2020.1, todas as atividades acadêmicas devem ocorrer de maneira não presencial e, em seu § 3, determina que as atividades do período 2020.2 poderão ocorrer de maneira presencial ou continuar de

maneira remota (continuou remota), dependendo de como estaria a situação da pandemia até o início do período, sendo ampliada pela Resolução nº 61/2021 – CONSUNI/UFAL, de 14 de setembro de 2021, para os semestres de 2021.1 e 2021.2 (este último retornou gradativamente ao presencial).

Com esta decisão, o Curso de Pedagogia e o curso de Geografia da UFAL - *Campus* do Sertão passaram a ser ofertados integralmente no formato remoto e os docentes a ministrar suas aulas por meio de dispositivos digitais, amparados pela plataforma AVA *Moodle*. Ao decorrer das aulas, percebeu-se que a grande maioria não eram adeptos às tecnologias e os discentes, apesar de fazerem parte da geração digital, também não usavam as TDIC como principal meio de mediação do seu processo de ensino e aprendizagem.

Veen e Vrakking (2009) ressaltam que os discentes que nasceram a partir da década de 80 fazem parte da “geração da rede”, “geração digital”, “geração instantânea” e “geração cyber”, essas denominações se dão pelo fato de que eles nasceram e cresceram em um mundo imerso no digital. Os autores supracitados, também observam que os indivíduos dessa geração são os novos usuários dos espaços educacionais e foram os primeiros a crescerem em um ambiente em que a informação está a um “clique” de suas mãos, pois passam o dia inteiro *zapeando*⁶ canais de televisão ou a internet a procura de esclarecimentos e informações.

Os *homo zappiens*⁷ ou os nativos digitais se distinguem das gerações passadas pelo modo como lidam e dominam as ferramentas tecnológicas, usufruindo destas para se encontrarem virtualmente com amigos distantes, acessando notícias locais, nacionais e internacionais em qualquer lugar. Já as gerações passadas, da qual a maioria dos/as docentes fazem parte são denominadas de imigrantes digitais, os quais necessitam de um período de adaptação maior para poder entender como manusear tais ferramentas tecnológicas.

⁶ Zapear é o ato de mudar rápido e repetidamente de canal de televisão ou frequência de rádio, de forma a encontrar algo interessante para ver ou ouvir, geralmente através de um controle remoto. Os autores usam essa expressão para se referir a crianças e jovens que passam várias horas do dia em frente às telas, zapeando os conteúdos de seu interesse.

⁷ É uma terminologia criada pelos autores Veen e Vrakking (2006), para se referirem a nova geração de crianças e jovens, a qual caracteriza-se por uma não-linearidade no modo como lida com a informação e por ser colaborativa.

Coletto e Calvano (2020), nos apresenta que com a pandemia da Covid-19, os encontros síncronos foram uma das formas que as instituições escolares, principalmente as IES encontraram de unir docentes e discentes. Porém, no decorrer das últimas décadas sempre encontramos docentes receosos, e quiçá resistentes com as novidades educacionais, sobretudo, as que envolvem o uso de tecnologias. Todavia, a atual conjuntura não permite tais receios, pois as atividades desenvolvidas pelas TDIC foram a única alternativa encontrada de continuidade das atividades acadêmicas.

Este momento marcado por incerteza, medo e também, pela sobrecarga de trabalhos devidos à pressão em ter de aprender novas formas de ensinar repentinamente, esse docente pode sentir-se pressionado a moldar-se no que for preciso, assumindo qualquer forma exigida pela instituição, [...]. Contudo, não adianta substituir os livros pelos smartphones, a lousa por computadores, se a forma de conduzir a aula não for modificada, se o papel do docente não for ressignificado, se a instituição de ensino não repensar de acordo com as demandas atuais, de nada valerá (COLETTTO e CALVANO, 2020, p. 179).

Desta forma, docentes passaram a realizar encontros síncronos⁸ e a desenvolver as atividades complementares de maneira assíncrona⁹, para que os alunos conseguissem cumprir com a carga horária exigida pelas instituições educacionais.

A UFAL por meio da Resolução nº 80/2020 - CONSUNI/UFAL, de 30 de dezembro de 2020 e da Resolução nº 61/2021 – CONSUNI/UFAL, de 14 de setembro de 2021, estabeleceu critérios aos docentes quanto ao tempo estipulado para a realização das disciplinas nos momentos das atividades síncronas e assíncronas.

Portanto, até que o docente venha a se adaptar com a nova realidade e adequar a sua didática ao “novo normal”, este pode acabar colaborando para que os discentes venham a passar horas e horas em frente a tela do computador, *smartphones*, *tablets* etc., desenvolvendo as atividades solicitadas, pois no mínimo em um semestre o aluno tem 5 disciplinas.

Considera-se ainda que o local, que nos anos de 2020 e 2021 passou a ser o lugar dos estudos (a residência de docentes e discentes) não foi um ambiente adequado para se transformar num espaço de estudos e/ou trabalho, como nos mostram algumas

⁸ Os encontros síncronos são aqueles que demandam a participação dos discentes e docentes, no mesmo ambiente virtual.

⁹ As atividades assíncronas são aquelas que dispensam a conexão simultânea entre docentes e discentes.

respostas sobre como os discentes percebiam a concepção do ensino remoto e as suas implicações na vida acadêmica.

“Eu acho que perdi o sentido da minha inteligência nesse período remoto, não há lugar na minha casa para estudar, não tenho motivação, não tenho vontade de estudar, como quando estava no presencial” (Aluno 1 -Pedagogia – 2020.2).

“Ultimamente tenho tido crises de ansiedade, choro por tudo, me sinto incapaz, me irrita só de olhar para a tela do computador, pois não só temos essa disciplina, e um dia não dá para estudar o conteúdo de 2 disciplinas imagina de 7, estou me sentindo incapaz de realizar os trabalhos no tempo correto, não me concentro, vivo nas telas do computador e do celular e nada consigo absorver, além de trabalhar, cuidar da casa, de marido e filhos” (Aluno 3 – Pedagogia - 2020.2).

“Estou num esgotamento físico e mental muito grande, chego com exaustão ao final de cada período e ansiosa para saber se o ensino remoto acabará e o presencial voltará” (Aluno 3 – Geografia - 2021.1).

“Para mim o ensino remoto apresentou uma flexibilidade de horários, uma vez que em casos excepcionais onde o aluno não pode assistir a aula, posteriormente pode ter acesso as gravações (disponibilizadas por alguns professores); o acréscimo no "tempo livre" para estudo, pois não precisamos diariamente gastar horas com deslocamento até a Universidade para as atividades presenciais. Além disso, esse modelo de ensino impulsionou a realização de muitos eventos e palestras *on-line* por todo o país, que outrora estaríamos limitados de participar pela distância, mas agora podemos desfrutar de grandes eventos nacionais e até internacionais no conforto da nossa casa e, muitas vezes gratuitamente. Porém, posso destacar: problemas logísticos como a falta de um ambiente silencioso para assistir as aulas e instabilidade da internet, que muitas vezes acabam impedindo o discente de acompanhar o professor em tempo hábil. Além disso, há o componente emocional, o distanciamento entre estudantes, colegas e professores causou uma certa angústia e até desânimo, que pode impactar nosso rendimento e desempenho acadêmico de forma não positiva” (Aluno 6 – Geografia – 2021.1).

As falas acima evidenciam que mesmo sem intenção docentes e discentes foram expostos excessivamente as telas e iniciaram a propulsão a dependência tecnológica. Concordando com Lemos (2016) e Young e Abreu (2019) a dependência é firmada pelo uso excessivo e compulsivo (no caso de jogos) da tecnologia, principalmente em crianças e adolescentes. Considerando que, os universitários observados expunham que antes da pandemia faziam o uso mais para o lazer e eventuais pesquisas, percebe-se que não havia uma dependência.

Conforme Young e Abreu (2019), se o uso excessivo de tecnologia limita o desenvolvimento físico de uma criança, imagina de um adulto, que para trabalhar,

estudar necessita em sua maioria das tecnologias, sobretudo, no período remoto, limitando seus movimentos, por passar uma grande parte do seu tempo sentado.

Se movimentar aumenta a capacidade de aprendizagem, assim como melhora a capacidade de foco e atenção, a falta disso implica negativamente na alfabetização e também no desenvolvimento acadêmico. No ensino remoto, o uso das tecnologias para tentar não perder a qualidade da aprendizagem, resultou no início da dependência por ambas as partes, pois além de inúmeras horas assistindo às aulas, ainda havia a necessidade de elaborar atividades, e, sobretudo estudar para apreender o que foi discutido.

Young e Abreu (2019, p. 147) salientam que a dependência de telas resulta em problemas na socialização com os indivíduos, contribuindo para a falta de interação social frente a frente. Resultando na “inaptidão social criada pelo isolamento das telas [...] já que as pessoas têm a probabilidade de se retirar para o mundo online”, gerando problemas sociais, tais como: “transtorno de conduta e piores ajustes psicossociais gerais”, como descritos nas falas acima.

Para Mazaheri e Karsabi (2014) o uso desenfreado de dispositivos digitais pode resultar em problemas graves como: tumores cerebrais, modificações genéticas, lesões por esforço repetitivo, dores pelo corpo, principalmente nos ombros, costas e pescoço, além de problemas oculares, aumento do estresse e distúrbio do sono.

Deste modo, considerando o atual cenário pandêmico e como as atividades acadêmicas foram desenvolvidas nas instituições de ensino, sobretudo na UFAL – *Campus* do Sertão, foi observado que o resultado da presente pesquisa com os universitários, evidenciou que na atual conjuntura epidemiológica todos foram submetidos a longos períodos em frente a computadores, *smartphones*, *tablets*, entre outros dispositivos digitais, para que o ensino e aprendizagem não fossem comprometidos, acarretando numa dependência tecnológica.

Ghisleni, Barreto e Becker (2020) enfatizam que em uma sociedade onde o ensino presencial foi historicamente constituído, como no Brasil, é comum que um ensino não presencial gere desafios de execução, adaptação e aceitação por parte dos discentes e

até mesmo dos docentes. Diante do exposto e do atual cenário faz necessário averiguar como esses têm enfrentado a nova realidade.

Nas aulas síncronas, os docentes utilizaram de estratégias como as discussões orais do conteúdo baseado em artigos, pdfs, *e-books*, hipertextos que foram disponibilizados no AVA *Moodle*. A interação discente-docente ocorria brevemente, quando havia o incentivo a participação por meio de perguntas e/ou falas aleatórias.

O tempo estipulado para as aulas síncronas, quase sempre era respeitado, pelo fato de alguns semestres as turmas terem aulas posteriores. Desta forma, o tempo que os discentes estavam expostos frente as telas eram de no mínimo 04 horas, considerando a aula da próxima disciplina.

Às vezes acontecia de uma aula ou outra síncrona ultrapassar o horário de término, em que utilizava em média 30 minutos a mais para a finalização de algum assunto. O fato acontecia com o consentimento dos discentes e monitores da disciplina, tendo em vista, que quando isso ocorria, não havia aula posterior.

Um dos docentes ministrantes das disciplinas possuía uma vasta experiência com a modalidade a distância. Logo, o mesmo tinha a delicadeza de não comprometer o ensino e nem o rendimento dos discentes, propondo atividades assíncronas bem-organizadas para que não fosse exaustivo a quantidade de horas frente às telas, sendo os *posts* das atividades feitos apenas após o término de cada assunto, com o prazo de entrega considerado adequado.

Com relação às aulas assíncronas, apesar da estratégia utilizada ser de o discente realizar as atividades em seu tempo, era possível constatar, a partir da observação que estes consumiam mais do que as duas horas propostas pelos docentes. Em alguns momentos os discentes relataram a exaustão que estava sendo o ERE e que foram expostos a uma sobrecarga infinita de atividades acadêmicas, chegando a passarem 06 horas para executarem um único trabalho de somente uma disciplina.

Se somarmos as aulas síncronas das disciplinas observadas, com as 06 horas de atividades assíncronas temos um montante de 08 horas/aula em frente as telas (de

uma única disciplina), pois as horas destinadas às atividades sem a presença do docente também corresponde a aula daquela semana.

Melo (2018, p.123) ressalta que “os impactos psicossociais relacionados ao uso excessivo de Internet referem-se à depressão, problemas nas relações interpessoais, diminuição nas atividades e na comunicação social e solidão”, desta forma, os discentes destas turmas estão propícios a se tornarem dependentes tecnológicos, pois de forma involuntária foram “obrigados” a passarem várias horas seguidas frente às telas.

Comparando a experiência dos docentes de cada curso, podemos destacar o “cuidado” e entendimento sobre o ERE. Porém, como não tinham a compreensão de que com a sobrecarga de trabalho e atividades poderia causar uma dependência, os docentes investiram numa quantidade excessiva de conteúdos e exercícios.

Percebe-se que com a inserção abrupta do ensino remoto, e, embora a UFAL mesmo promovendo formações, nenhuma se propôs a discutir sobre dependência de tecnologia, deixando os docentes sem um norte para preparar suas aulas de maneira que não implicasse em consequências na vida dos discentes e deles próprios. Pois, para preparar as aulas dentro do modelo imposto também levam horas à frente das telas.

Indiscutivelmente é sabido que a internet e as tecnologias modificaram profundamente todo o processo de comunicação e informação no mundo. cremos que é impossível pensar a vida sem dispositivo digital e internet. Se extinta vários benefícios seriam automaticamente cortados da vida cotidiana das pessoas, como por exemplo: a fácil comunicação entre as pessoas, principalmente as que residem distantes, se informar de notícias em tempo real, pesquisas rápidas, dentre várias vantagens.

Diante disso, a literatura científica vem estudando também os riscos que o uso da internet vem causando às pessoas que não sabem controlar o tempo, bem como as que não entendem que se deve determinar um tempo para realizar suas atividades frente às telas. Conforme Lemos (2015, p. 19) evidencia, que pelo menos “uma parcela significativa da população mundial apresenta características que são equivalentes a uma dependência tecnológica” e a outra está no fator propulsor (quando não sabe que inconscientemente está nesta condição).

O autor ainda alerta para os possíveis sintomas que levam a dependência tecnológica, tais como: irritabilidade, ansiedade (principalmente quando não se está com o celular), preocupação insistente em fazer algo sempre estando na internet, mesmo que sirva de escapismo, aumento inconsciente na frequência de uso despendido de internet e dispositivos digitais, usuário sentir-se deprimido ou incapaz, negligenciar relações sociais, atividades profissionais importantes para ficar em casa na internet, dentre outros (LEMOS, 2015, p. 22).

Neste contexto e diante das falas dos discentes, e, mesmo um dos docentes tendo experiência com a modalidade a distância, percebe-se que houve sintomas relacionados a dependência tecnológica durante a inserção do ensino remoto na UFAL – *Campus do Sertão*.

Portanto, constatamos que mediante a nova realidade imposta pela pandemia, os discentes observados acabaram sendo expostos a um cenário propício ao desenvolvimento da dependência tecnológica, uma vez que, não houve novos métodos e estratégias adequadas utilizados pelos docentes para amenizar a exposição às telas durante o período das aulas síncronas e assíncronas.

Considerações finais

A partir dos estudos e discussões acerca da dependência digital, buscamos obter resultados que edificassem a nossa pesquisa, a fim de proporcionar conhecimento referente à temática em questão. Desta maneira, o artigo apresentou os resultados dos dados obtidos a partir da observação participante nas salas de aulas virtuais dos cursos de Pedagogia e Geografia da UFAL – *Campus do Sertão*.

Logo, convém salientar que os docentes poderiam utilizar diferentes estratégias para amenizar o tempo de uso das telas, como por exemplo: leitura significativa, na qual os discentes pode ler um texto e fazer a relação entre a interpretação e o mundo, ter uma postura mais autônoma em que pesquisa mais e leve esse conhecimento para a sala de aula, mesmo que essa seja virtual, pesquisar os textos impressos que têm em casa, trabalhos mais manuais, do que virtuais, e, além de tudo, participar de formações para compreender como trabalhar com as TDIC para que não favoreça o vício tecnológico.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 69.527, de 11 de março de 2020**. Disponível em <<http://www.procuradoria.al.gov.br/legislacao/boletiminformativo/legislacaoestadual/DECRETO%20N-a6%2069.527-%20DE%2017%20DE%20MAR-cO%20DE%202020.pdf/view?searchterm=>>. Acesso em 11 mai 2021.

COLLETO, C. M. P. e CALVANO, R. A. V. **Trabalho decente em tempos de Covid-19: desafios e reflexões no ensino superior de Goiás**. In SOUZA, R. e QUEIROZ, L. M. G. (orgs). Educação pública na pandemia do coronavírus. Paraná: Editora CRV, 2020.

Conselho Universitário- CONSUNI. **Resolução nº 80/2020, de 30 de dezembro de 2020**. Dispõe sobre o calendário acadêmico administrativo do ensino de graduação para os semestres letivos 2020.1 e 2020.2 dos quatros campi da Ufal, no contexto da pandemia do Coronavírus (SARS-COV-2) e dá outras providências. 2020. Disponível em: <<https://ufal.br/resolucoes>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

Conselho Universitário – CONSUNI. **Resolução nº 61/2021 – CONSUNI/UFAL, de 14 de setembro de 2021**. Dispõe sobre o calendário acadêmico administrativo do ensino de graduação para os semestres letivos 2020.1 e 2020.2 dos quatros campi da Ufal, no contexto da pandemia do Coronavírus (SARS-COV-2) e dá outras providências. 2021. Disponível em: <<https://ufal.br/resoluções>>. Acesso em 08 jun. 2021.

CONTERA, Cristina. (et al.). **La incorporación de las tecnologías de la información y la comunicación (TICs) en la educación superior: la modalidad de enseñanza “a distancia” en la educación de grado y permanente en la Universidad de la República (UDELAR) – Uruguay**. Montevideo: CSE, 2006.

FRAGOSO, Suely. (et al.). **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GHISLENI, T.; BARRETO C. BECKER E. **Educação em tempos de pandemia: a migração do ensino para o formato não presencial como um cenário de desafios e possibilidades**. *Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Humanas*, Santa Maria, v. 21, n. 2, p. 297-311, 2020.

LEMOS, I. L. **Tratamento cognitivo-comportamental das dependências tecnológicas**. 1ª ed. São Paulo: Zagodoni, 2015.

LEMOS, I. L. **Baralho das dependências tecnológicas: controlando o uso de jogos eletrônicos, internet e aparelho celular**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2016.

MADEIRA, Ana Isabel. **A construção do saber comparado em educação: uma análise sócio-histórica**. Lousã: FCG/FCT, 2011.

MAZAHERI, M. A.; KARBASI, M. **Validity and reliability of the Persian version of mobile phone addiction scale.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3999600/>> Acesso em 10 abr. 2022.

MELO, A. A. S. **Dependência Tecnológica:** o uso abusivo de redes sociais e seus impactos psicológicos em adolescentes. In: Jornada de Educação, Desenvolvimento e Inovação, 1, Jaboatão dos Guararapes, 31 de outubro a 01 de novembro de 2018. Anais. Jaboatão dos Guararapes, 2018; p: 114 -127.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus).** Brasília, DF. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/01/coronavirus-confirma-como-a-doencasurgiu-na-china-e-se-espalhou-por-outros-paises-ck5xzklrq03fno1plpktc59dj.html>. Acesso em: Jun/2021.

PEREIRA, M. J. A.; MADUREIRA, N. L. V. e SILVA, E. A. P. O ensino remoto: condições e contradições sobre a aprendizagem e o trabalho dos professores da educação básica. In SOUZA, R. e QUEIROZ, L. M. G. (orgs). **Educação pública na pandemia do coronavírus.** Paraná: Editora CRV, 2020.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 – a pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. **Pesquisa participante:** alteridade e Comunidades interpretativas. Psicologia USP, São Paulo, V. 17, N. 2, p.11-41, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/41889>>. Acesso em: 28/09/2021.

VEEN, W.; VRAKING, B. **Homo Zappiens:** educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital:** os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.